

Rubem Braga

4/9/69

Lembrança de Tenerá

M 398

RN 243

Um recorte do «Monitor Campista» trouxe há tempos a notícia da morte de um tipo de rua, conhecido na grande cidade fluminense como Rin-Tin-Tim. Teria mais de cem anos e alegava ter tomado parte na Guerra de Canudos.

Seu nome verdadeiro ninguém sabe; mas o jornal diz que ele é o mesmo homem conhecido em Cachoeiro de Itapemirim como Tenerá. É possível que tivesse outros nomes em outras cidades, pois um pouco por toda parte ele aparecia sem dizer de onde vinha; e depois sumia sem avisar para onde ia.

Tenerá era alto, de uma gordura desajeitada de distrofia glandular, e tinha uma cara enorme de índio tapuia, uma cara vincada e terrosa, de jenipapo maduro. Vestia-se com extravagância de apalache, andava sério e lento, apregoando o «Correio do Sul» ou algum avulso de propaganda de uma casa comercial. Fora disso pegava alguns cobres amestrando cães: ensinava um pobre vira-lata a sentar, deitar, carregar coisas, seguir as ordens do dono e até a dançar sobre as patas traseiras.

Durante algum tempo Tenerá morou, com seus cachorros, nos baixos do prédio da «Farmácia Central», que era de parentes meus. Os fundos davam para o rio, e havia, entre os pilares que sustentavam o prédio, muito espaço para o homem e seus cães. Durante algum tempo trabalhei na farmácia, para ter algum dinheirinho meu. Lavava vidros com grãos de chumbo, entregava uma ou outra encomenda mais urgente, ajudava no balcão — e se não cheguei a ser uma glória na Farmacologia Brasileira pelo menos aprendi a fazer limonaria purgativa e água vienense. Outras receitas mais complicadas o farmacêutico as aviava; eu via-o com respeito misturar líquidos e pesar pós ou colar rótulos e sobre a rôlha do frasco aquêle pequeno capuz de papel plissado amarrado ao gargalo com um barbante. Nunca fui hábil nisso, e minha mão era estabanada mesmo para rolar pílulas e misturar pomadas com a espátula, só uma vez, com emoção, trabalhei em um almofariz.

Gostoso era ajudar a abrir os grandes caixotes de remédios vindos do Rio; sempre traziam algum material de propaganda colorido, cartazes, folhetos, almanaques, brindes. Mesmo a nova embalagem de uma droga antiga era algo que me dava prazer.

Minhas relações com Tenerá ficaram então mais estreitas; deslumbrei-o certa vez com a mágica fácil de derramar algumas gotas de glicerina sobre limalhas de permanganato; aquela combinação de duas coisas frias resultando em fogo e estalidos me deu a seus olhos um prestígio de jovem cientista. Nas horas de folga eu e o primo Costinha nos divertíamos, às vezes, de uma janela que dava para o rio, a atirar de Flaubert nos camaleões que apareciam lá embaixo, nas pedras do rio. Isso inquietava o Tenerá, por si mesmo e pelos cães.

Viveu muitos anos em Cachoeiro e se atribuía de certo modo todos os melhoramentos que a cidade teve depois de sua chegada: «Quando eu cheguei aqui não havia isso nem aquilo...» É verdade que muitos políticos fazem coisas idênticas em relação aos progressos deste pobre Brasil, que vai para a frente, mesmo porque é este o seu jeito e rumo.

Só vi Tenerá fazer pouco de Cachoeiro uma vez, e já contei isso em crônica. Foi quando por algum motivo o prenderam e o mandaram capinar o pátio em frente à cadeia velha. Trabalhando ao sol, ele dizia bem alto, para que o delegado e todos ouvissem:

— Eu já estive prêso em cadeia muito melhor do que esta. Muito melhor do que esta!

DN 4.9.69

266